

# A LITERATURA COMO VIA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL: O CONTEXTO CURITIBANO NO PERÍODO POSTERIOR À REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1890-1900)

## LITERATURE AS A MEANS OF NATIONAL RECONSTRUCTION: CURITIBA'S CONTEXT DURING THE PERIOD AFTER THE FEDERALIST REVOLUTION (1890-1900)

Caroline Baron MARACH\*

**Resumo:** O artigo objetiva tratar do impacto da Revolução Federalista sobre os discursos dos literatos paranaenses do contexto do final do século XIX. Também busca discutir o papel do literato naquela sociedade, explorando as fontes que tratam desse assunto. O corpo documental deste trabalho compreende duas revistas importantes do período para o meio literato local, o *Clube Curitibano* (1890-1912) e *O Cenáculo* (1895-1897). Além desses periódicos, a análise também abrange obras biográficas sobre os escritores e colaboradores mais assíduos dos dois periódicos. Tais agentes são entendidos aqui como “atores linguísticos”, expressão utilizada por John Pocock para designar os que operam como articuladores da linguagem de uma época, visando à defesa de interesses e à expressão de determinadas ideias e valores. Foram, portanto, mediadores da cultura de sua época, pois assumiram, de maneira engajada, posicionamentos referentes à vida em sociedade, nela desempenhando, a um só tempo, os papéis de atores, testemunhas e consciências do contexto por eles vivenciado.

**Palavras-chave:** Revolução – Literatura – Intelectuais.

**Abstract:** This article intends to examine the impact of Federalistic War on the writer's ideas in the context of the Nineteenth Century in the Brazilian state of Parana. It also intends to discuss the social role of the *literati* in that society, exploring the magazines as historic sources. The documental corpus of this work covers the *Club Curitibano Magazine* (Revista do Clube Curitibano) (1890-1912) and *The Cenacle* (1895-1897). Besides these sources, the analysis covers biographical works about the main contributors of the magazines already mentioned. We understand that these writers are "linguistic actors", a term used by John Pocock to designate the ones who operate as language articulators of an epoch, aimed at defending interests and the expression of certain ideas and values. Therefore, they were the culture mediators of their time, since they assumed, in an engaged way, positions concerning life in society, performing on it, at the same time, the roles of actors, witnesses and consciences of the context experienced by them.

**Keywords:** Revolution – Literature – Intellectuals.

### Introdução

O presente artigo é desenvolvido no sentido de contribuir para as reflexões acerca do papel social ocupado pelos literatos, escritores e jornalistas em centros urbanos brasileiros durante a passagem do final do século XIX para o XX. Também buscamos

---

\* Doutora em História– Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Educação e Artes – Mestre em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPR – Universidade Federal do Paraná, Campus Reitoria, CEP 80060-140, Curitiba, Paraná - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: [carolmarach@yahoo.com.br](mailto:carolmarach@yahoo.com.br).

refletir a respeito do anseio de alguns escritores em defender o desenvolvimento e o progresso nacionais no contexto de consolidação da República Brasileira, em cujo processo a literatura ocupou um papel de destaque.

Por meio da análise de dois periódicos paranaenses, a *Revista do Clube Curitibano* (1890-1912)<sup>1</sup> e *O Cenáculo* (1895-1897), foi possível detectar que, após o episódio conhecido como Revolução Federalista, surge no meio literário curitibano do final do século XIX a necessidade de se fazer da instância literária aquela que possibilitaria a regeneração da cultura regional e nacional. A literatura foi vista como a via que, após um contexto de conflitos, garantiria o progresso nacional pelo intermédio da cultura.

Em razão de muitos dos escritores locais, alguns deles colaboradores da *Revista do Clube*, haverem vivenciado a experiência dos conflitos armados decorrentes dessa revolução, o episódio figurou em suas obras como uma espécie de trauma social. Do mesmo modo, contribuiu para a mudança da postura desses agentes com relação ao tempo vivido, levando-os ao descrédito com relação à República recém-instaurada, além de levá-los a questionar o futuro que se apresentava paradoxal – de um lado, permeado por uma atmosfera moderna e tecnológica com novas máquinas incorporadas ao cotidiano da população; de outro, os conflitos armados que ocorriam tanto na Europa imperialista como em solo nacional.

Dentro dessa perspectiva, após o término da Revolução Federalista no Paraná, o núcleo de escritores analisados aqui se distancia das questões políticas partidárias, e volta-se à literatura, concebendo-a como a instância que seria capaz de afastar a população dos retrocessos que a impediam de avançar rumo ao seu desenvolvimento moral e social. Tais agentes também buscaram legitimar-se enquanto literatos e intelectuais, destacando o papel da literatura no processo de regeneração da pátria. Foi nesse contexto que a literatura passou, então, a figurar como uma via de desenvolvimento nacional, de progresso cultural e intelectual nacional.

### *O contexto revolucionário*

Para que compreendamos esse processo que conferiu à literatura importância social e cívica e promoveu o seu desenvolvimento no âmbito cultural de Curitiba, é necessário recuperar em linhas gerais a Revolução Federalista que remonta ao contexto da renúncia do presidente Marechal Deodoro da Fonseca, em 23 de novembro de 1891,

levando ao poder Marechal Floriano Peixoto. O acontecimento foi criticado por muitos e serviu para aumentar as tensões entre os diferentes grupos políticos.

No Rio Grande do Sul, a crise se tornara bastante aguda. Desde os tempos imperiais, a província era governada por liberais chefiados por Gaspar Silveira Martins (CORRÊA, 2006, p. 65). Em 1888, este foi nomeado pelo imperador presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Uma oposição a essa frente liberal já estava sendo organizada desde 1880, por Júlio de Castilhos que passara a organizar a Frente Republicana Rio-Grandense, conquistando o apoio de Deodoro da Fonseca às vésperas da Proclamação da República. Com a instauração do novo regime, Gaspar Silveira Martins fora exilado e o governo do Rio Grande do Sul ficou a cargo de Júlio de Castilhos (CORRÊA, 2006, p. 66). Após uma série de eventos políticos, incluindo uma grande manifestação contra esse governador, formaram-se, então, duas frentes políticas no Rio Grande do Sul: de um lado, os federalistas, gasparistas ou maragatos defensores da República parlamentar liberal, apoiados por pecuaristas da Campanha; de outro, os castilhistas ou legalistas seguidores de Júlio de Castilhos, defensores do governo de Floriano Peixoto e que contavam com o apoio dos empresários, pequenos comerciantes e agricultores.

Formalmente, a Revolução Federalista tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumercindo Saraiva (1851–1894) ao Rio Grande do Sul, em 5 de fevereiro de 1893. A partir desse estado, os maragatos iniciaram sua rota de invasões a várias cidades dos três estados do Sul, entre os anos de 1893 e 1895. O historiador John Charles Chasteen descreve qual seria o objetivo final da “montonera”, grupo de guerrilheiros montados dos maragatos:

De certa forma surpreendente, dado o tamanho e capacidade do Exército Brasileiro há apenas sete anos antes da virada do século vinte, o plano dessa montonera era invadir o subcontinente brasileiro e fazer o governo capitular. A montonera de Gumercindo Saraiva apresenta-nos um problema interpretativo. Inevitavelmente, pergunta-se: Esses homens eram loucos? Por que eles começaram uma guerra civil sangrenta contra uma força imensamente maior? Como eles poderiam marchar mil e cem quilômetros através dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para ameaçar, mesmo que por um instante, o governo nacional? Mais difícil que explicar seu sucesso fugaz [...] é explicar a sua motivação e, sobretudo, sua resolução para lutar por trinta longo meses, animados apenas pelas maiores esperanças pouco plausíveis (CHASTEEN, 1995, p. 9-10 apud SEGA, 2005, p. 97).

É inegável o impacto dessa revolução na produção dos escritores curitibanos, especialmente em razão de grande parte deles haver participado diretamente das

campanhas militares, quando a revolução chegou ao Paraná. Na época, a atitude de muitos letrados de deixarem a pena para pegarem em armas se justifica em razão de haver um consenso entre eles de que essa atitude representava um sacrifício a ser realizado em nome da honra e do amor à pátria. Desde seu tempo de juventude, defenderam acirradamente a causa republicana, como é o caso de Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Sebastião Paraná e Leôncio Correia<sup>2</sup>. Para tais escritores, as invasões promovidas pelas tropas de maragatos constituíam um ataque direto à nascente república, empreendido por forças restauracionistas advindas dos partidos de oposição ao governo de Floriano Peixoto. Assim, tornava-se fundamental, para aqueles escritores, abandonar temporariamente seus gabinetes e tomar as armas para defender o novo regime, servindo de exemplo aos demais cidadãos brasileiros. Nesse contexto, “a mocidade segue; não mede sacrifícios; quer salvar a República”, afirmara Dario Vellozo<sup>3</sup>, alguns anos depois do episódio (VELLOZO, 1904).

Em setembro de 1893, as tropas federalistas adentraram Santa Catarina e chegaram ao Paraná, onde Floriano concentrou suas forças. Tijucas e Paranaguá foram conquistadas, mas, na Lapa, um cerco organizado por Gomes Carneiro reteve os federalistas por 26 dias. Em janeiro de 1894, a revolução chegou a Curitiba.

Na *Revista do Clube*, comentários e artigos sobre o conflito são, no geral, bastante esparsos, uma vez que, para se tratar dessa questão, haveria que se mencionar questões políticas, as quais se procurava evitar tanto quanto possível naquele contexto revolucionário de censuras e restrições.

Outra maneira de compreendermos esse silenciamento nas páginas da *Revista do Clube* e, até mesmo, de outras revistas do mesmo período – que a princípio, deveriam constituir-se em veículos de expressão de posicionamentos relacionados à Revolução – é entender esse episódio como um evento extremamente traumático para os escritores e para a população local. São muitas as investigações a respeito da Revolução Federalista no Paraná, no entanto, pouco se menciona a respeito das modificações comportamentais e culturais desencadeadas após o evento. Desse modo, a *Revista do Clube* e *O Cenáculo* são um importante indicador desse aspecto, desafiando-nos a uma nova percepção e interpretação da história dessa revolução, em uma narrativa que considere as percepções individuais, silenciamentos e modificações na postura daqueles que vivenciaram esse período de conflitos.

Renato L. Leite (2012) é um dos historiadores que tem reunido esforços para compreender o conceito de trauma sob uma perspectiva sócio-histórica, afirmando que este se refere a um fenômeno que “se recusa a ser representado”, já que a intensidade do

fato que ocasionou o trauma torna esse mesmo fato impossível de ser lembrado ou esquecido. Ainda que o passado traumático atraia o interesse historiográfico, torna-se difícil recuperar seu sentido narrativo, já que ele não o possui e desafia os interessados a reconstituírem uma narrativa a seu respeito. Para Jörn Rüsen (2009, p. 171):

Uma ‘crise catastrófica’ destrói o potencial da consciência histórica de processar esse fato através de uma narrativa portadora de sentido. Pois o trauma desafia e destrói os princípios da geração de sentido e afeta a coerência da narrativa. Quando isso ocorre, a linguagem do sentido histórico silencia. Ela torna-se traumática.

Dessa maneira, cabe a nós compreendermos o evento da Revolução Federalista nas páginas das duas revistas em análise, considerando seus silenciamentos e parcas expressões, bastante difusas, por vezes desconexas, acompanhadas de grande lirismo e sensibilidade.

Na *Revista do Clube*, encontramos um depoimento bastante vívido de Dario Vellozo que favorece a percepção de como os artistas e literatos locais, de maneira geral, sofreram com o conflito. Segundo as palavras de Vellozo (1897, p. 5):

[...] aquellas pavorosas scenas a que todos assistimos ou soubemos, impressionaram fatalmente a alma dos Artistas, baombando-lhes no coração o responso da Tortura e da Agonia; e se viriam projectar – fatalmente – na Obra dos Sensitivos e dos Intellectuaes. A revolução terminara. Mas, a Dor ficara vibrante na alma nacional; e a Dor faria evocar no coração do Artista os sinistros espectros do Desespero e da Morte.

No mesmo artigo, o autor continua afirmando que

[...] a revolução vibrou-nos violentamente o organismo, acordando-nos sentimentos nobres e indignos, há muito sustado no coração Brasileiro. Houve actos de heroísmo e valor de abnegação e caridade, de amor fraternal [...] (VELLOZO, 1897, p. 5).

Assim, a *Revista do Clube*, a partir de sua segunda fase<sup>4</sup>, inaugurada no início de 1894, no momento em que as tropas de Gumercindo Saraiva ainda cercavam Curitiba, assumiu a função de porta-voz de novos discursos, acentuadamente literários e melancólicos. Consequentemente, o periódico distanciou-se cada vez mais das amenidades e do entretenimento, marca característica de sua primeira fase, passando a não mais estar voltado, prioritariamente, às senhoras da sociedade curitibana, mas aos artistas e àqueles cuja sensibilidade despertara para um tempo de mal-estar, de silenciamentos e de angústias.

Muitos estudos, que têm como foco principal a cultura paranaense do início do século XX, trabalham com a hipótese segundo a qual os escritores, tais como os que colaboravam para o periódico em análise, assumiram uma postura de alienação quanto à instância política após o conflito armado.<sup>5</sup> No entanto, acreditamos que o fato desses escritores haverem se voltado exclusivamente para a literatura não deva ser compreendido como uma postura de alienação com relação ao meio político. Parte do silenciamento em relação às questões desse meio revela, primeiramente, que mesmo passada a revolução, o contexto ainda era de tensões, temores e censura. Também exprime certa desilusão para com o regime recém-instaurado, defendido por eles tão arduamente na década anterior. Quem menciona essa hipótese é José Murilo de Carvalho (1987, p. 37), para quem a República, depois de despertar uma grande expectativa inicial, acabou por frustrar muitos intelectuais, levando-os a se concentrar na literatura, criando para si próprios uma “República das Letras”.

A morte de Floriano Peixoto, em 1895, foi outro episódio emblemático para muitos letrados, levando em conta que viram nesse personagem a força para a consolidação da República no país. Sua morte, logo após a Revolução Federalista, foi o “trágico símbolo do fracasso de uma alternativa política”, como bem explicou José Murilo de Carvalho (1987, p. 26), motivando o afastamento de vários entusiastas republicanos da seara política partidária.

Para aqueles escritores, a literatura tornou-se, então, uma possibilidade de intervenção social, ainda que de maneira indireta, passando a ser concebida como uma via de desenvolvimento nacional, de progresso cultural e intelectual de um povo.

No ano de 1894, quando as tropas de Gumercindo Saraiva tinham recém-deixado Curitiba, Dario Vellozo, em um de seus artigos, expõe a situação da literatura paranaense, cuja função social seria a de difundir a cultura de sua sociedade, ainda que esta estivesse devastada. Em suas palavras:

A literatura é o mais delicado e preciso termómetro de civilização. Por meio dela se reconstrói toda uma phase morta, toda uma época irremediavelmente perdida. A perversa ambição dos aventureiros e dos agiotas, e a brutal ignorância demolidora dos medíocres podem completar o bárbaro atilismo [...], devastando, destruindo as maravilhas da Architectura, da Eschulptura e da Pintura; A Litteratura, porem, atravessa as derrocadas, caminha com as gerações humanas, perpetuando o passado, reconstituindo-o – soffra embora o insulto dos ímpios dos fanáticos (VELLOZO, 1894, p. 1).

Nesse artigo de Dario Vellozo, chama-nos a atenção os vocábulos de forte impacto como “reconstrução”, “brutal ignorância demolidora”, “devastação” e outros

que nos remetem diretamente ao conflito vivenciado por aqueles escritores. Publicado pela *Revista do Clube*, esse artigo torna-se a expressão do próprio periódico em sua nova fase. Nele, fica explícito o entendimento da literatura como instância que permitiria a reconstrução nacional, bem como o desenvolvimento das artes e da cultura, resgatando-as da destruição ocasionada pela guerra. Escrever tornou-se, então, um ato de civismo.

### *O Cenáculo: a literatura na reconstrução nacional*

Como expressão do contexto pós-revolucionário, surgiu a revista *O Cenáculo*, que tinha relação direta com a *Revista do Clube*, afinal, os fundadores da primeira conheceram-se nos salões e biblioteca do Clube Curitibano. O periódico, que circulou entre 1895 e 1897, tinha como redatores Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Neto e Antônio Braga, todos partícipes de um grupo de debates literários mais antigo, também chamado *Cenáculo*<sup>6</sup>, que se reuniu pela primeira vez em 1893. Cada número da revista apresentava “[...] dezesseis páginas, em forma de livro, contendo uma ilustração em cada número” (NETO, 1895, p. 2).

O periódico tinha por objetivo reunir escritores para debater ideias, organizar um ambiente cultural e manter o intercâmbio entre eles. Nasceu da proposta de despertar a sociedade de sua época para a literatura, que ressurgia como uma reação de paz à Revolução. Descreveu Dario Vellozo (1894, p. 1):

[...] o terminar da lucta que alarmara o Paiz, ia entrar o Cenaculo em phase mais brilhante, ia a Litteratura iniciar outro período. De facto, notou-se para logo a reação trazida pela Paz. Tinhamos todos, porem, a abantesma do pezar profundo a penumbrar-nos a Idea; eramos todos muezzins da Angustia e da Saudade.

Era claro para aqueles escritores que sem o desenvolvimento das artes e das letras, não haveria progresso moral ou social. Por isso, a proposta de *O Cenáculo* era de constituir-se na expressão dos que elegeram a literatura como via fundamental para a reconstrução do país após o período revolucionário e que objetivavam promover o reavivamento do âmbito literário no Paraná. Um dos desafios a ser enfrentado pelo grupo seria o de despertar a sociedade considerada indiferente às produções literárias. No primeiro número de 1896, o editorial de periódico lança-se ao seguinte desafio:

Queremos o auxilio e apoio dos que labutam valorosamente para que o Paraná se não conserve alheio ao movimento scientifico literario do

Brazil, para que o Paraná tenha litteratura, para que o Paraná reaja contra a fraticida inercia do indifferentismo sem nervos [...]; reagindo contra o derrocar de nossas tradições, contra o cosmopolitismo que nos avassala, que nos corrompe, que nos esmaga e destrói (O CENÁCULO, 1896, p. 5).

Aqui, a palavra “cosmopolitismo” surge dotada de seu sentido negativo, como uma tendência dos novos tempos a ser combatida em defesa de uma tradição e identidade do povo brasileiro. “Cosmopolitismo” figura ao lado do “indifferentismo sem nervos” da sociedade da época com relação às produções literárias, sendo *O Cenáculo* o periódico que iria se opor às tendências que se anunciavam naquele novo tempo, defendendo e divulgando a literatura local como expressão genuína da cultura nacional.

Mesmo antes disso, os poemas, artigos e notas da *Revista do Clube*, de 1894 a 1900, já revelavam um explícito ressentimento em relação ao pequeno público que apreciava as obras literárias e com o lugar que seus escritores ocupavam na sociedade daquele contexto. Essa queixa pode ser observada desde os anos iniciais da República, quando a literatura, era um negócio de poucos que interessava a poucos, para fazer alusão a uma das expressões de José Veríssimo, escritor e jornalista carioca do período. Em razão, principalmente, do analfabetismo crônico, a ação dos literatos e escritores mantinha-se bastante restrita ao círculo formado por uma elite letrada, a qual se mostrava cada vez menos aberta às produções artísticas e literárias em razão do crescimento do mercado de entretenimento, uma tendência dos *tempos modernos*.

Além disso, as transformações técnicas e nos meios de comunicação nos principais centros urbanos do Ocidente impactaram fortemente sobre as produções literárias desse período. Como explica Sevcenko (1983, p. 97):

O novo ritmo da vida cotidiana eliminou drasticamente o tempo livre, necessário para a contemplação literária. A diminuição do tempo, a concorrência do jornal diário, do livro didático, da revista mundana e dos manuais científicos, de par com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia estreitaram ao extremo o papel da literatura.

Tal fato, acreditamos, dificultou o desenvolvimento mais amplo da literatura independente – especialmente com relação ao mercado e ao consumo – em centros menores, como a cidade de Curitiba. São várias as passagens na *Revista do Clube* que apontam para um “[...] indifferentismo por tudo quanto é elocubração do espírito, deste nosso público que dá mais preferência a uma fatia de *gruyères* e a um copo de cerveja do que às produções intellectuaes da mocidade laboriosa” (REVISTA DO CLUBE, 1891, p. 5). Portanto, ao se mencionar a condição dos escritores e literatos, a palavra

*indiferença* tornara-se lugar comum para descrever a sociedade na qual estavam inseridos, sociedade que, em tese, não poderia “[...] compreender os gosos moraes que produzem os labores litterarios” (REVISTA DO CLUBE, 1891, p. 2-3).

Um dos maiores ressentimentos desses escritores dava-se com relação à lógica de mercado e de consumo. Diante da perspectiva de traduzir sua produção em termos desse novo valor preponderante, estranho à esfera artística, muitos dos escritores buscaram estabelecer uma carreira paralela, já que viver da literatura era um desafio, e quem escrevia teria, conforme as palavras da época, “[...] essa mania e sem outro lucro a não ser o odio dos pedantes cheios de si. Não há leitores, mas não faltam detractores. A burguezia rotineira condemna-o [o escritor] logo como *estonteado* [...]” (MONTARROYOS, 1891, p. 3-4, grifo do autor).

Outro colaborador anônimo da revista afirma que:

[...] em um paiz novo, como é o nosso, a litteratura só póde ser cultivada por decidida vocação. Ainda não tivemos noticia de que houvesse, entre nós, quem pudesse viver: professando-a. Por isso, as producções se resentem da falta de bons moldes por onde se possam inspirar (REVISTA DO CLUBE, 1891, p. 2).

Por essa razão, escritores como os da *Revista do Clube* ocuparam aquilo que Rosane Kaminski (2010) chamou de “espaços híbridos de atuação profissional que surgiram com a expansão da imprensa”. Fizeram-se jornalistas, atuando em diferentes veículos de comunicação e, a partir da década de 1900, houve uma grande concentração deles no magistério, especialmente, nos quadros docentes das principais instituições de ensino público da capital (MARACH, 2007).

Com relação ao fato de escrever para o mercado, essa questão nem sempre foi aceita ou bem vista. Não se pode dizer que foi uma postura assumida por todos os escritores que colaboraram com a *Revista do Clube*, podendo-se, até, afirmar que se trata de uma condição assumida por uma minoria. No mesmo artigo já citado anteriormente, seu autor critica aqueles:

[...] auctores que, na maioria das vezes querem ganhar dinheiro vendendo o seo trabalho, preparão a *cousa* á feição do apetite dos que a vão consumir; e auxiliados por *socios*, mandão para os jornaes meia duzia de artigos, de sensação (REVISTA DO CLUBE, 1891, p. 2).

Segundo o mesmo autor, entregar-se ao mercado levaria à “[...] animalização da nobre atividade [literária]” e conclui que

[...] é por isso que a jornada é cruel para os que se dedicam aos labores de uma literatura, limpa dessas intenções mercantis; é por isso que temos visto muitas d'essas vocações, em flor, tombarem desanimadas, em caminho (REVISTA DO CLUBE, 1891, p. 2).

Manifestando-se contra a indiferença pública, os escritores analisados passaram a buscar maior espaço social e reconhecimento, sendo *O Cenáculo* uma expressão desse anseio. Enquanto reação artística, o periódico foi considerado, na época, “[...] uma ousadia literária, [...] uma nota rubra de protesto contra a indiferença parva d’essa gentilha pesada e insensível á picada da Arte” (REVISTA DO CLUBE, 1895, p. 3). A própria bibliografia contemporânea sobre o tema considera a revista “[...] o primeiro esforço de os escritores do Paraná direcionado na busca de uma expressão local e do intercâmbio cultural para que o estado figurasse na república das letras” (BALHANA et al., 1991, p. 62).

Se o primeiro número de *O Cenáculo* data de 1895, é importante destacar, novamente, que o grupo iniciara sua formação dois anos antes. Um depoimento bastante completo de sua formação e consolidação foi publicado na *Revista do Clube*, entre 1894 e 1895, de autoria de Silveira Neto. Nele, o autor menciona seus primeiros contatos com letrados como Dario Vellozo e os outros escritores. Reunidos, passavam “[...] horas inteiras manuseando livros, discutindo questões de musculos e de intelligencia, estabelecendo planos de trabalho e sonhando” (NETO, 1894, p. 2-3). Das primeiras leituras comuns ao grupo, Silveira Neto refere-se a Bilac, Zola, Bourget e Luiz Murat, que era especialmente admirado. Desde o início, esses escritores se reuniram com o objetivo de “[...] collocar na reluzente ponta da espada uma penna de escrever e com ella, durante o symetrico assalto traçar estrophes em niveo de pergaminho” (NETO, 1894, p. 2).

Ainda no ano de 1893, os integrantes de *O Cenáculo* (Julio Pernetta, Dario Vellozo e Leôncio Correia) criaram a revista *Azul*, periódico quinzenal no formato de oito páginas. Além dessa revista, o grupo também se reunia em palestras e conferências literárias cujo: “[...] thema era tirado á sorte, sobre litteratura, sciencias e artes, e o designado para a tribuna levantava-se com a intuição do latente valor d’esse trabalho, tomava uma cadeira, colocava-a em sua frente e falava” (REVISTA DO CLUBE, 1895, p. 2).

Com a chegada do ano revolucionário de 1893, tanto a revista *Azul* como a *Revista do Clube* foram suspensas. Mantiveram-se apenas as reuniões, palestras e conferências entre os integrantes de *O Cenáculo*. Na época, Dario Vellozo havia recém participado de campanha militar como tenente da infantaria da Guarda Nacional, cujo

posto deixara por se achar gravemente enfermo. Passou a residir no Retiro Saudoso nas proximidades de Rio Negro, “longínqua chácara [...] longe dos rumores importunos da cidade” (NETO, 1894, p. 2).

Como já mencionado, as tropas federalistas ocuparam Curitiba de janeiro a maio de 1894. Nesse último mês da revolução em Curitiba, retornou à capital Júlio Pernetta acompanhado das tropas militares que adentraram a cidade em cinco de maio, recebidas com grande festa pela população (CORREIA, 1942). Pernetta também acabou integrando o grupo de *O Cenáculo* e conferiu às produções dessa agremiação um maior tom de melancolia e misticismo, por trazer, segundo Dario Vellozo (1897,p. 5), “[...] o esquife de tantas angústias, de tantas misérias”.

Assim, o grupo já completo se consolidou e, conforme relata Silveira Neto:

[...] começamos a dar ao nosso gremio, de quatro pessoas, o nome definitivo de *Cenáculo* e, aos poucos, estabelecemos energicas normas de trabalho para que, longe do *bruhaha* político, divorciados do rumor da multidão, podessemos adiantar a perfectibilidade do espirito e do sentimento, accumulando quotidianamente solido capital grandioso de illustração e exemplos (NETO, 1895, p. 2, grifo do autor).

No trecho, Silveira Neto deixa transparecer a necessidade desses escritores de se distanciarem de questões políticas partidárias em um período posterior à Revolução. Como já destacamos, o episódio contribuiu para que assumissem uma luta provida, antes, de um caráter ideológico, propondo-se a instaurar no Paraná uma tradição literária. Era claro para aqueles escritores que, sem o desenvolvimento das artes e das letras, não haveria progresso moral ou social. Por isso, sua proposta de intervenção social era clara: pretendiam se tornar porta-vozes de um novo tempo para o estado, que, dentro dessa perspectiva, urgia o desenvolvimento de seu âmbito artístico-cultural. Colocaram-se à frente desse projeto, afirmando-se guias que conduziriam a população aos patamares da civilização, aos moldes das nações europeias. Esse aspecto fica bastante evidente em uma passagem de Dario Vellozo em um dos números de 1897, da *Revista do Clube*. O escritor afirma:

Num fim de século, como este, pavoroso e sinistro, em que a Flor do Ideal pende fanada sobre um Lethys de indiferentismo, em que as nobres e supernas aspirações da alma humana caem cerceadas [...] urdindo a intriga do desprezo contra os raros que ainda estudam; em que a grande e innumera comunidade dos sensitivos e passionais parece sufocada pelo positivismo pratico dos devotos do deos Milhão; – faz-se urgente a palavra inspirada dos levitas da Arte, procurando elevar acima da vaza das paixões deprimentes a alma obcecada, a alma vencida de toda uma geração extraviada nos labyrinthos da indiferença. E só o conseguiremos arrancando a letargia o coração dos

homens com imprecações dilacerantes, para depois apontar-lhes esse amanhan indefinido [...] (VELLOZO, 1897, p. 5).

Nessa passagem, fica evidente o papel social que Dario Vellozo confere ao escritor como o de “acordar” a sociedade de sua “letargia” e de lhe apontar uma direção no “amanhan indefinido” em um momento que todos pareciam estar regidos pelo “deus Milhão”, ou seja, pela lógica do mercado. Também fica bastante explícita a posição que Dario Vellozo delega a si próprio e aos seus pares, como aqueles capazes de apontar um caminho com relação ao futuro nacional.

A concepção de intelectual beletrista como um guia da nação ou, ainda, como alguém superior à sua sociedade, encontra-se permeando muitos dos discursos das duas revistas em análise. Em uma das passagens, de 1891, o colaborador Elyseu de Montarroyos, ao defender a produção intelectual de seu período indaga:

Mas também como poderá uma sociedade ignorante e pretenciosa compreender um espírito superior a toda ella? Como podem a nossa burguezia e os nossos superficiaes compreender a illustração, a independencia e a abnegação d’esses [...] vultos que se destacam do resto d’essa sociedade atrasada? (MONTARROYOS, 1891, p. 3.).

Júlio Pernetta, em 1894, na mesma linha, afirmara que são loucos “os homens que fazem verso”, porque incompreendidos (PERNETTA, 1894, p. 1). Complementa que:

Loucos são todos aquelles que atravessam a vida incompreendidos, porque o mundo é myope para poder exergar a grandeza luminosa dos astros, e muito ignorante para [...] compreender a magestade sublime de uma estrophe. Como eu te admiro, sublime loucura (PERNETTA, 1894, p. 1).

Afora a importância conferida à literatura naquele contexto, é preciso considerar, também, outras motivações que permearam discursos de enaltecimento da figura do literato como o da passagem acima. Em decorrência de certo desinteresse público e, de outro lado, do analfabetismo da sociedade na qual estavam inseridos, esses escritores buscaram se valorizar, ainda que apenas perante os próprios pares. De modo a romper com o indiferentismo, e, de maneira a não se sentirem marginalizados socialmente, tratam, a todo o modo, de valorizar a literatura, defendendo que a atividade corresponderia a uma missão de beleza, de justiça ou de patriotismo, como se à literatura coubesse a tarefa de reconstrução nacional.

Antonio Cândido (1981, p. 26), ao analisar o papel dos escritores românticos no período posterior à Independência, afirma que estes delegam a si aquilo que o autor

chamou de “a missão do vate”. Cândido explica que “[...] os poetas se sentiram sempre mais numas fases que noutras, portadores de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens.” E, observa que, o literato “ama e maltrata a multidão”, já que incompreendido por ela. É aquele que se posiciona acima das classes e, conseqüentemente, sente-se impelido a assumir a missão de guia das massas, como dever poético em relação aos outros homens. E, de fato, era esse sentimento que se encontra presente em muitos artigos da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo*, quando tratam da questão do literato. Um dos colaboradores da revista, Cunha Brito, em 1890, já mencionava em um artigo póstumo que:

Está verificado que foram os cultivadores do bello que realizaram, sem violencia nem perfidia, a grande revolução moral e intellectual de que sahiram victoriosos os principios da civilização moderna. Os cultivadores do bello são incontestavelmente os iniciados na arte de eternisar a virtude, a illustração e os grandes feitos de heroismo da Humanidade; a elles está confiada a honrosa tarefa de serem os fieis interpretes dos nossos merecimentos e das nossas glorias perante o futuro (BRITO, 1894, p. 5).

Está clara nessa passagem a ideia de literato enquanto defensor dos valores e princípios morais e éticos de sua sociedade. Ainda, destaca-se o papel desse agente como o daquele que transmite às gerações futuras os grandes feitos heroicos da Humanidade, como sendo, então, um perpetuador de memórias do passado.

Não por acaso, esse artigo de 1890 foi publicado logo após o findar da Revolução Federalista, momento em que os escritores das revistas em análise voltaram-se à instância literária, empregando seus esforços de modo a promovê-la. Dario Vellozo foi um dos maiores entusiastas da literatura de sua época, afirmando ser possível, por intermédio dela, o reconstruir de “[...] toda uma phase morta, toda uma época irremediavelmente perdida” (VELLOZO, 1894, p. 1). A própria revista *O Cenáculo*, periódico acentuadamente literário, surgira como uma reação à época revolucionária. Em outra passagem, Cunha Brito vislumbra:

Os factos confirmam a prophecia... a nova era litteraria não tardará muito... Antes do seculo XX subirão as lettras mais uma transformação progressiva, que imprimirá á litteratura nacional um outro cunho, – sadio ou dolente, – porem menos ataviado e mais humano... É preciso que o Paraná se lhe não conserve alheio e silencioso. [...] Só pelo sábio desenvolvimento das faculdades do intellecto pode o homem chegar á nitida comprehensão de seos destinos na sociedade. E para o desenvolvimento dessas faculdades muito contribue a litteratura [...] (BRITO, 1894, p. 5).

Por essa razão, é fundamental entender as produções da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo*, além de outras que surgiram na sequência, como a revista *O Fanal*, como expressão de uma literatura que carrega, tacitamente, a ideia do reconstruir a cultura de uma época e da necessidade de reconhecimento social desses literatos, ainda que a mesma mensagem não se faça explícita ao leitor contemporâneo. Muitos artigos, dentre poemas, contos e crônicas, são verdadeiros jogos de significados, bastante complexos e difusos, que tratam de subjetividades e narrativas cujas mensagens podem, por vezes, dissimular seu sentido principal. No entanto, de maneira geral, expressam a grande melancolia de seus escritores diante de um futuro incerto, escritores que se sentiam imbuídos de uma bela e rara missão civilizadora, a de reconstruir a identidade cultural de seu país por intermédio da expressão de sua subjetividade literária. Partia-se do pressuposto de que era preciso desenvolver a literatura para viabilizar o desenvolvimento moral do povo brasileiro. Era necessário, ainda, valorizar o literato, pois ele seria o agente responsável por guiar a população nesse processo de desenvolvimento intelectual e cultural.

#### *O literato como intelectual*

Em razão da discussão acima apresentada, entendemos os escritores e colaboradores da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo* como atores linguísticos, noção é apresentada por John Pocock (2003). O ator linguístico é aquele que articula a linguagem<sup>7</sup> de sua época, visando à expressão de determinadas ideias e valores. Um autor é tanto expropriador, tomando a linguagem de outros e usando-a para seus próprios fins, quanto inovador que atua sobre a linguagem de maneira a induzir momentâneas e duradouras mudanças na forma como ela é usada (POCOCK, 2003, p. 29).

O escritor é, também, um mediador da cultura de seu contexto, ou seja, um *intelectual*, noção discutida por Jean-François Sirinelli (2003, p. 242). Para esse autor, o vocábulo intelectual apresenta, pelo menos, duas acepções: “[...] uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores culturais’ e a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”. Se para nós, está claro que os escritores dos periódicos analisados são mediadores culturais – uma vez que a própria noção de ator linguístico nos favorece essa percepção – a ideia de intelectual engajado, discutida por Sirinelli, também, possibilita-nos esclarecer alguns aspectos da conduta desses escritores, no âmbito de seus posicionamentos e da intervenção social enquanto

literatos. Para o autor já citado, o intelectual engaja-se na vida social assinando manifestos, publicando artigos em jornais e revistas, quando não é o próprio responsável pela circulação dos mesmos.

Também reivindicam para si um papel de relativa superioridade com relação à população, entendendo-a como um corpo social que necessitaria, em tese, de sua tutela moral e intelectual. No caso dos escritores cujos discursos foram analisados a partir da *Revista do Clube*, estes empregam seus esforços no sentido de recuperar a sociedade devastada após a crise decorrente da Revolução. Nesse sentido, a importância da literatura advém de sua função social e educativa, constituindo-se na instância que garantiria o desenvolvimento intelectual do povo brasileiro.

Ainda com relação à importância propriamente da literatura, ao defendê-la, tais escritores estariam buscando se legitimar enquanto intelectuais, assegurando para si um dado papel social que lhes conferia notoriedade pública e que os salvaguardava dos oponentes, indiferentes ou detratores. Um caso que exemplifica essa questão é o posicionamento assumido pela *Revista do Clube* e por seus colaboradores com relação ao Caso Dreyfus (*Affaire Dreyfus*). O episódio constituiu-se na acusação do oficial francês Alfred Dreyfus pelo governo da França como sendo responsável por uma ação de espionagem em colaboração com o Reich Alemão. Em um momento de uma forte onda antisemita francesa, Dreyfus foi o “traidor ideal” por ser, ao mesmo tempo, judeu e alsaciano (região francesa ocupada pela Alemanha em 1871). Em defesa do oficial acusado, o escritor francês Émile Zola requereu a revisão do processo, revisão que importaria no descrédito das altas patentes do exército francês. O escritor, na ocasião, também publicou, dentre outros documentos, o *Manifesto dos Intelectuais*, convocando todos aqueles que se viam inseridos nessa categoria a lutar não apenas pela justiça daquele caso, mas também pelos valores morais e políticos tomados como causas universais, como a justiça, a verdade e a liberdade.

De acordo com Michel Winock (1997), é justamente durante o Caso Dreyfus que o termo intelectual é inaugurado em seu sentido contemporâneo. Embora cada sociedade, em diferentes épocas e regiões, pudesse contar com seu grupo de “artistas”, “literatos”, “poetas”, “beletristas” dentre outros nomes, foi somente durante a época contemporânea que se deu o surgimento da alcunha intelectual para designar um grupo específico. Esse processo, que culminou com a elaboração do *Manifesto dos Intelectuais* em 1898, fora resultante do desenvolvimento das forças produtivas, da formação da sociedade civil, da organização do aparelho administrativo burocrático estatal e da difusão do ensino público, primeiramente na Europa, e, depois, nas demais regiões do

Ocidente (NEUNDORF, 2009). Assim, a aplicação do termo intelectual, no contexto do Caso Dreyfus, indica uma maior participação dos intelectuais na cena pública, como integrantes de um grupo cuja identidade se forma atrelada à participação social desses agentes, bem como ao seu poder de intervenção na esfera pública e à responsabilidade que tais intelectuais delegam a si mesmos de servir à sociedade de sua época como porta-vozes de ideias e discursos (VIEIRA, 2001).

No Paraná, esse processo se torna bastante evidente com a luta assumida pelos escritores locais em busca de legitimação e de um espaço próprio, qual seja, a literatura. À época do caso francês, os colaboradores da *Revista do Clube* prestaram homenagens a Émile Zola, além de realizarem uma sessão, presidida por Emiliano Pernetta, em 20 de março de 1898 no salão principal do Clube Curitibano, em solidariedade ao escritor francês. Na Ata dessa sessão, ficou:

[...] resolvido que uma comissão de poetas e jornalistas se dirija por carta a Emilio Zola, aplaudindo a sua dignificadora attitude em o processo Dreyfus. Assim fica definida a attitude da mocidade intellectual Paranaense [...] (ATA DA SESSÃO DO CLUBE DE 20/03/1898, 1898, p. 1).

A adesão daqueles escritores à postura de Zola perante o caso demonstra, primeiramente, o tamanho interesse desse grupo de escritores pelas questões políticas europeias, buscando, a todo tempo, estar em sintonia com o que ocorria além-mar. Além disso, evidencia a busca daqueles escritores por legitimidade enquanto intelectuais e a necessidade de serem reconhecidos enquanto tais em sua luta por valores éticos e universais. Ser intelectual passou a representar, portanto, um modo de conduta perante a sociedade na passagem do século XIX para o XX.

A postura do intelectual francês, que, em um sentido figurado, deixou seu gabinete e pena para assumir um posicionamento combativo e de intervenção direta em sua sociedade, serviu de modelo para muitos dos escritores da *Revista do Clube*, especialmente entre aqueles que, além de lutarem pelo desenvolvimento artístico e literário do estado, lançaram-se na defesa de outras causas, como o anticlericalismo e o desenvolvimento da Instrução Pública no estado, aspectos que permearam seus discursos datados do último decênio do século XIX e o primeiro do XX.

### *Considerações*

No presente artigo, propusemo-nos a analisar os discursos presentes em dois periódicos, a Revista do Clube (1890-1912) e O Cenáculo (1895-1897) que circularam em Curitiba, capital do Paraná, no final do século XIX. Neles, encontramos um rico material que nos permite identificar a concepção dos redatores e colaboradores das duas revistas com relação à função social do literato, bem como a defesa de seus interesses, seus principais objetivos e suas queixas frente à sociedade de sua época. Ao longo das análises, pudemos verificar que a Revolução Federalista, episódio desencadeado no ano de 1894 no Paraná, foi responsável por uma transformação cultural mais profunda, expressa na postura e na produção dos letrados e escritores paranaenses do período, transformação evidenciada nos discursos da segunda fase da Revista do Clube e na criação da revista *O Cenáculo*. Considerando que muitos desses escritores participaram diretamente dos conflitos armados decorrentes daquela revolução, o episódio foi responsável por ocasionar um trauma social, levando tais agentes a repensarem sua atitude com relação à própria nascente república e à própria sociedade. Com vistas ao desenvolvimento cultural nacional, elegeram a literatura como via de intervenção social já que partiam da premissa de que sem o desenvolvimento artístico-literário não haveria progresso moral do povo brasileiro. Nesse processo, buscaram, ao mesmo tempo, legitimar-se enquanto literatos e intelectuais, assumindo para si próprios o papel de agentes responsáveis por guiar a população no processo de desenvolvimento intelectual e cultural. A partir de então, engajaram-se em diferentes causas, como o próprio anticlericalismo, assinando manifestos, constituindo sociedades e criando jornais de modo a garantir a circulação de seus discursos e a viabilização de seus interesses.

### **Referências Bibliográficas**

BALHANA, Altiva Pilatti et al. *Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná*. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção no Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 11 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo. (1890-1930)*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- CORRÊA, Amélia Siegel. *Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- KAMINSKI, Rosane. O belo efêmero, o gosto brejeiro: imagens da vida fugidia nas revistas curitibanas (1900-1920). *Revista Curitibanas*, Curitiba, 2010. Disponível em: [http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos/o\\_belo\\_efemero\\_o\\_gosto\\_brejeiro\\_imagens\\_da\\_vida\\_fugidia\\_nas\\_revistas\\_curitibanas\\_1910-1920.pdf](http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos/o_belo_efemero_o_gosto_brejeiro_imagens_da_vida_fugidia_nas_revistas_curitibanas_1910-1920.pdf). Acesso em: 7 abr. 2013.
- MARACH, Caroline Baron. Inquietações modernas: discurso educacional e civilizacional no periódico *A escola* (1906-1910). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- OLIVEIRA, Ricardo. O silêncio dos vencedores: genealogia da classe dominante e estado no Paraná. In: SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos belicosos*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.
- POCOCK, John Greville Agard. *Linguagens do ideário político*. Organização de Sérgio Miceli. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2003.
- NEUNDORF, Alexandre. *Intelectualidade, fronteiras e identidade: o Paraná no século XX*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905)*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *Revista História da Historiografia*, Mariana, n. 2, p. 163-209, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos belicosos: a Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetórias educativas de Erasmo Pilotto. *Educar*, Curitiba, n. 18, p. 53-73, 2001.
- WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

## Documentação Textual

- ATA da Sessão do Clube de 20 de março de 1898. *Revista do Clube*, Curitiba, n. 5, p. 1, maio, 1898.
- BRITO, Cunha. Das Belas Artes. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 5, n. 11, p. 5, 15 ago. 1894.
- CORREIA, Leôncio. *Barão do Sêrro Azul*. Curitiba: Ed. Dr. Dicesar Plaisant, 1942.
- MONTARROYOS, Elyseu. Trepação. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 2, n. 17, p. 3-4, 15 set. 1891.
- NETO, Silveira. O Cenáculo. *Revista do Clube*. Curitiba, ano 5, n. 18, p. 2-3, 30 nov. 1894.
- \_\_\_\_\_. O Cenáculo. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 5, n. 19, p. 2, 15 dez. 1894.
- \_\_\_\_\_. O Cenáculo. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 5, n. 20, p. 2, 31 dez. 1894.
- \_\_\_\_\_. O Cenáculo. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 6, n. 4, p. 2, 28 fev. 1895.
- \_\_\_\_\_. O Cenáculo *Revista do Clube*, Curitiba, ano 6, n. 5, p. 2, 15 mar. 1895.
- \_\_\_\_\_. O Cenáculo. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 6, n. 6, p. 2-3, 31 mar. 1895.
- O CENÁCULO, Curitiba, t. 2, p. 5-7, jan. 1896.

PERNETTA, Júlio. Cartas Abertas. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 5, n. 10, p. 1-2, 31 jul. 1894.

#### REVISTA DO CLUBE.

*Revista do Clube*, Curitiba, ano 2, n. 3, p. 2, 15 fev. 1891.

Ephêmeras. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 2, n. 4, p. 2-3, 15 fev. 1891.

Reticências. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 2, n. 8, p. 5-6, 30 abr. 1891.

*Revista do Clube*, Curitiba, ano 2, n. 17, p. 3, 15 set. 1891.

*Revista do Clube*, Curitiba, ano 5, n. 9, p. 1, set. 1894.

Chronica. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 6, n. 15, p. 3, 15 ago. 1895.

VELLOZO, Dario. Pela Literatura. *Revista do Clube*, Curitiba, ano 5, n. 9, p. 1-2, 15 jul. 1894.

\_\_\_\_\_. Bronzes. *Revista do Clube*. Curitiba, ano 8, n. 9, p. 5-6, set. 1897.

\_\_\_\_\_. *Obras*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

\_\_\_\_\_. *Da tribuna à imprensa*. Curitiba: Myrto e Acácia, 1915. (Capítulo: Pátria e República. Conferência realizada em 29 de 1904. Publicada em opúsculo).

#### Notas

<sup>1</sup> A *Revista do Clube Curitibano*, periódico que surgiu em um momento de desenvolvimento econômico do estado do Paraná, contou, em seu corpo de redatores e colaboradores, com literatos, jornalistas e professores de expressiva produção na imprensa diária local, sendo que a maioria possui, além de artigos, obras e publicações que lhes conferem destaque no âmbito da cultura paranaense da passagem do final do século XIX e início do XX. Dentre eles, estiveram os nomes de Agostinho Ermelino de Leão, Dario Vellozo, Emiliano e Júlio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Diferentemente de outros periódicos da mesma época, a *Revista do Clube* buscou manter-se à distância das questões políticas, o que favoreceu sua estabilidade ao longo de uma década.

<sup>2</sup> Sebastião Paraná, que já havia lutado na Revolta da Armada no exército de Benjamin Constant, foi também capitão da reserva do Exército Nacional durante a Revolução Federalista. Dario Vellozo, igualmente ao lado dos legalistas, serviu como Tenente do 6º batalhão de Infantaria da Guarda Nacional (de setembro de 1893 a abril de 1894). Leôncio Correia e Júlio Pernetta também lutaram ao lado da legalidade na cidade da Lapa, tendo esse último integrado o batalhão 23 de Novembro (CORRÊA, 2006, p. 128; BALHANA et al., 1991, p. 365).

<sup>3</sup> Dario Vellozo foi o diretor literário da *Revista do Clube* entre os anos de 1894 e 1900. Desde os 15 anos, iniciou-se no ramo da produção de impressos na Capital Federal. Aos 16 anos, assumiu o cargo de compositor de tipógrafo na oficina Moreira Maximino e Companhia. Segundo relato de época, escolheu essa profissão em razão de seu “[...] pronunciado gosto pelas letras, manifestado ainda na infância, [...] concorrera por certo para levá-lo á fecunda arte de Guttemberg” (NETO, 1895, p. 2-3). Em 1885, seu pai o trouxe para Curitiba onde não tardou a se integrar ao grupo de letrados da capital. Deu continuidade à sua atuação como tipógrafo, assumindo a função na oficina do jornal *Dezenove de Dezembro*.

<sup>4</sup> Consideramos que a *Revista do Clube* possui três fases bastante distintas entre si. A primeira delas, entre 1890 e 1893, apresentou uma linha editorial voltada aos interesses da elite letrada curitibana, abrangendo temáticas voltadas ao entretenimento, curiosidades, artigos cômicos entre outras amenidades. A segunda que data do início de 1894 até 1900 apresenta uma linha editorial acentuadamente literária simbolista. A terceira fase, mais efêmera, do biênio de 1911 -1912, é mais embatativa, apresentando assuntos polêmicos como artigos feministas, alguns críticos com relação ao governo e a sociedade de época, além de produções literárias. Cabe destacar que na própria revista essa periodização encontra-se sinalizada, trazendo em seu cabeçalho a insígnia “segunda epocha” ou “terceira época”.

<sup>5</sup> Sobre essa hipótese, ver os trabalhos de Bega (2001) e Queluz (1994).

<sup>6</sup> Formado desde 1893 por Dario Vellozo, Silveira Neto, Antônio Braga e Júlio Pernetta, o grupo mantinha reuniões periódicas. Com o passar do tempo recebeu a adesão de novos integrantes como Rocha Pombo, Leôncio Correia, Domingos Nascimento e Tito Vellozo e iniciou a elaboração de uma revista de mesmo nome.

---

<sup>7</sup> De acordo com John Pocock (2003), um dos precursores dos estudos nessa área pela Universidade de Cambridge, discursos do passado são expressão de um contexto político, social ou histórico, no interior do qual a própria linguagem se situa. Por isso, a linguagem está diretamente relacionada à experiência da qual ela provém, fazendo alusão a instituições, autoridades, configurações sociais, valores e acontecimentos. Dessa forma, prescreve o contexto dentro do qual ela própria deverá ser reconhecida (POCOCK, 2003, p. 37).

Artigo recebido em 14/08/2013. Aprovado em 11/11/2013.